

## A PONTUAÇÃO: ANÁLISE COMPARATIVA DE DUAS EDIÇÕES DO *AUTO DA ÍNDIA* DE GIL VICENTE

MICAELA RAMON

(Universidade do Minho)

AIDA SAMPAIO

(Universidade do Minho)

### 1. Introdução

Considerada como objecto de estudo da linguística, a pontuação não parece despertar o interesse daqueles que investigam os problemas relacionados com as ciências da linguagem humana. Com efeito, uma pesquisa bibliográfica que se pretendeu minuciosa sobre a temática em questão, não nos permitiu contactar com mais de uma dezena de publicações de autores contemporâneos dedicadas à pontuação.

Paradoxalmente, nos meios jornalístico e pedagógico o tema é frequentemente abordado: no que concerne ao primeiro caso, são conhecidas as polémicas decorrentes das alterações introduzidas em determinados textos, alterações essas que permitem aos profissionais da comunicação social especular acerca das intenções dos autores quer dos textos, quer das alterações; relativamente ao segundo caso, não são menos do domínio público os comentários de docentes de todos os níveis de ensino que se lamentam amiúde da ininteligibilidade dos textos produzidos pelos seus alunos, em virtude (também) do parco domínio das convenções atinentes às regras de pontuar.

Foi na tentativa de responder a motivações sobretudo de carácter pedagógico-didáctico que nos dispusemos a elaborar o presente trabalho. Enquanto orientadoras de estágio pedagógico em escolas do ensino básico e secundário, constatamos não só a necessidade de incluir sistemática e regularmente os aspectos atinentes à pontuação no estudo do código escrito levado a cabo no âmbito da aula de língua materna, como também a urgência de

reflectir criticamente sobre a pontuação dos textos de autores não contemporâneos que figuram nos manuais escolares adoptados pelas escolas. De facto, é vulgar que os diversos manuais apresentem o mesmo texto com pontuações que diferem de uns para os outros; a isto acresce que, normalmente, estas pontuações são dissemelhantes das contidas em edições *fac-similadas*, o que nos leva a crer que os editores e livreiros desrespeitam frequentemente as características dos textos antigos numa tentativa arbitrária e muitas vezes injustificada de os modernizar.

Propusemo-nos, pois, fazer uma análise comparativa a nível da pontuação do *Auto da Índia* de Gil Vicente na reimpressão *fac-similada* da edição de 1562<sup>1</sup> e numa edição escolar<sup>2</sup>. Para melhor enquadrar a problemática, elaborámos uma pequena resenha histórica que abrange os sistemas de pontuação considerados pelos mais significativos gramáticos portugueses desde o século XVI até aos nossos dias. Num segundo momento, tecemos algumas reflexões em torno das definições actualmente propostas para o conceito, tomando como referência sobretudo os trabalhos do grupo HESO do CNRS. Finalmente, comparámos as duas edições do auto já referido, comentando as alterações encontradas.

#### **a) Resenha Histórica: a pontuação nos gramáticos portugueses do século XVI até aos nossos dias**

Como qualquer outra criação do homem, também os sinais de pontuação evoluíram ao longo da história do texto escrito, quer relativamente à sua apresentação gráfica, quer às funções que lhes são atribuídas, quer ainda à sua utilização prática.

No decurso da evolução histórica, dois avanços técnicos mediados por cinco séculos muito contribuíram para a fixação da pontuação tal como a conhecemos hoje: referimo-nos ao surgimento e difusão da imprensa e do livro, por um lado, e à criação e aperfeiçoamento dos sistemas de processamento de texto, por outro. Graças sobretudo a estes dois avanços tecnológicos ocorridos em correlação com outros de cariz linguístico, a pontuação sofreu uma alteração enorme, passando de um código pessoal que auxiliava o próprio escriba na organização da página manuscrita a um sistema standardizado que, embora passível de sofrer alterações, tem regras definidas e que se aplicam sem modificações significativas às várias línguas do globo.

Sem quereremos exceder o âmbito de estudo que nos propusemos fazer, referiremos apenas que Nina Catach atribui o surgimento da pontuação ao zelo de Zenódoto de Éfese (320-240 a.C.) que, sendo responsável pela biblioteca de Alexandria e numa altura em que a escrita era cursiva ou contínua, deixava espaços em branco com a intenção de separar as cópias dos textos de diferentes autores<sup>3</sup>.

A mesma autora afirma que, manuscando manuscritos dos séculos IV e V d.C., se podem encontrar dois tipos de pontuação: uma pontuação de palavras e a primeira pontuação da frase. Para pontuar as palavras distinguia-se entre letras maiúsculas e minúsculas, fazendo preceder as primeiras de um branco. Quanto à pontuação da frase, ela assentava numa *trilogie de base qui traverse les siècles jusqu'à nous: point en bas (comma, ponctuation faible), point moyen (colon, ponctuation moyenne), point en haut (teleia ou stigme, ponctuation forte)*<sup>5</sup>.

No decorrer de toda a Idade Média, este sistema de pontuação sofrerá alguns enriquecimentos. Todavia, na generalidade, durante esse longo período da história da humanidade, tanto a distinção entre palavras ou frases como a marcação do repouso da voz eram feitas através dos poucos instrumentos linguísticos já referidos. Estes eram usados segundo critérios que se prendiam com o “horror ao vazio” sentido pelo copista medieval e com imperativos da leitura articulatória, única verdadeiramente praticada ao tempo. Daqui decorre que, no tocante à pontuação, os textos medievais levantem inúmeros problemas que exigem ser encarados seriamente e estudados com minúcia.

Precisamente por causa da sua complexidade, não foi ainda iniciado um estudo sistemático da pontuação em manuscritos medievais portugueses. Para o esboço histórico que se vem traçando é útil, contudo, fazer referência a um artigo de Ana Maria Martins<sup>5</sup> no qual a autora expõe os resultados do estudo da pontuação em quatro narrativas hagiográficas datando dos séculos XIV e XV, contidas no códice alcobacense CCLXVI, manuscrito 2274 da Torre do Tombo.

Apesar de estes não serem textos que se ocupem do estudo deste aspecto particular da escrita, através da sua leitura a autora constatou o emprego de vários sinais de pontuação: ponto, maiúscula, ponto seguido de maiúscula, semicírculo aberto à direita seguido de ponto e maiúscula, ponto de interrogação e vírgula sobre ponto. Graças a este estudo, verifica-se que os enriquecimentos ocorridos no sistema português de pontuação foram de pouca monta.

Se estudando textos escritos até finais da Idade Média apenas podemos elaborar listagens de sinais de pontuação que até aí existiam e indicar os seus usos mais frequentes, com o dealbar do renascimento e o surgimento dos primeiros gramáticos portugueses passamos a encontrar propostas de definição para o termo. Ainda que Fernão de Oliveira na sua *A Gramática da Língua Portuguesa* (1536)<sup>6</sup> não dedique nenhum capítulo à pontuação, os seus sucessores passarão a incluí-la nos estudos e descrições que fazem da língua lusa, começando, regra geral, por ensaiar uma definição da mesma.

Quatro anos após o surgimento da obra de Fernão de Oliveira, João de Barros, na sua *Gramática da Língua Portuguesa* (1540)<sup>7</sup> dedica um pequeno capítulo aos *pontos e distinções da oraçam*. Movido por preocupações didácticas, o gramático propõe uma definição valorativa do termo, indica a utilidade dos pontos e faz um inventário dos mesmos, em ordem a *a nossa*

gramática, nesta parte, nam ficar escássa, e para que todos possam doutamente escrever. Assim, a pontuação surge como *ũa das cousas principaes da ortografia*, cujas funções são permitir que entendamos *a escritura*, apontar *as partes e cláusulas em que os Latinos mostráram muita diligencia* e evitar a ambiguidade *porque às vezes fica a oraçám anfibológica sem eles, donde nácem dúvidas*<sup>8</sup>. De seguida, o autor inventaria os pontos e sinais com que *distinguem as partes e cláusulas da oraçám*, afirmando que eles são oriundos da tradição latina. Esses pontos são: *coma, cólo, verga, parêntesis e interrogaçám*. Três critérios estão presentes na atribuição de funções a cada um destes pontos: o sintáctico, o prosódico e o semântico. A *coma ou cortadura* (,) distingue os membros da oração, nela *parêce que descansa a vóz, mas nam fica o intendimento satisfeito*; o *cólo* (.) é o *marco em que se acaba a cláusula* ou o remate *com que a oraçám fica perfeita*; as *zebruras ou vergas* (,), reabilitadas da tradição grega, separam as partes da oração; os *dous arcos ou parêntesis* ( ) servem para introduzir *uma figura a que* (os latinos) *chamam entreposiçám*; finalmente, a *interrogaçám* (?) é *sinal que interrogamos e perguntamos algũa cousa*.

Pêro de Magalhães Gândavo foi outro gramático que se ocupou da pontuação no século em que Gil Vicente viveu e produziu a maior parte das suas obras. Com efeito, nas *Regras que ensinam a maneira de escrever e a ortografia da língua portuguesa* (1574)<sup>9</sup>, este doutrinador, que pela primeira vez se ocupa de *toda pessoa que escreve (...) ainda que nam tenha (...) intelligencia de latim*, concede à pontuação um lugar de relevo, consagrando-lhe quatro dos primeiros capítulos da sua gramática.

Descobre-se, antes de mais, neste autor uma preocupação em normalizar e uniformizar o uso dos sinais de pontuação<sup>10</sup> que ele considera serem: *a maiuscula, a virgula, os dous pontos, o hum ponto, a interrogação e os dous finaes*. Para Magalhães Gândavo são sobretudo os critérios prosódico e semântico que determinam o emprego da vírgula, dos dois pontos e do ponto final<sup>11</sup>, que aparecem hierarquizados segundo a ordem por que estão referidos<sup>12</sup>; as maiúsculas surgem como complemento semântico dos vocábulos ou frases que iniciam<sup>13</sup>; os parêntesis, aos quais o gramático retira valor grafemático<sup>14</sup>, são valorizados pela sua função de intercalação<sup>15</sup>; o ponto de interrogação aparece como única forma de exprimir uma realidade não assertiva, devendo ser usado *quando for necessário escrever algũa pergunta a modo de exclamação, ou de qualquer maneira que seja*<sup>16</sup>; por último, Gândavo reserva todo um capítulo das *Regras* para descrever e apontar o uso de um sinal de pontuação não de palavras nem de frases, mas sim de texto: os *«dous finaes»*, *a que hoje chamamos hífen, e que significão irse acabar a outra parte que resta no princípio da regra que se há de seguir*<sup>17</sup>.

Para finalizar a referência a gramáticos do século XVI, não podemos ignorar a obra de Duarte Nunes de Leão<sup>18</sup>, na qual se encontra o primeiro tratado da pontuação portuguesa. Nunes de Leão parece entender a pontuação como uma tradução escrita dos sinais prosódicos da língua oral, único garante da inteligibilidade do discurso<sup>19</sup>. Depois de assegurar que o sistema de pontuação em uso se aplica tanto *na scriptura de mão, como na stampada*, o gramático inventaria os constituintes desse sistema, indicando: *a virgula (,)*, *o comma (:)* e *o colon (.)* como pontos de base, aos quais acrescenta: *o interrogativo (?)*, *o admirativo (!)*, *o paragrapho (¶)*, *os parenthesis ( )*, *o meio círculo (j)*, *as apices (.)*, *o hyphen (-u-)*, *o asterisco (\*)*, *o obelisco (>)*, *a bruchia (u)*, *a divisão (-)* e *o angulo (^)*.

Curiosamente, pela primeira vez encontramos atribuída aos dois pontos a função enunciativa que hoje lhes reconhecemos e não já só as funções que actualmente são desempenhadas pelo ponto e vírgula<sup>20</sup>. Este último sinal é, aliás, referido também pela primeira vez na obra de Nunes de Leão, mas o gramático encara-o como coisa de *alguns modernos*, considerando-o *invenção de pouca utilidade, & desnecessaria, & que eu não imitaria*<sup>21</sup>. Para a utilização dos restantes sinais propostos, Duarte Nunes invoca não só o critério prosódico como também o sintáctico, não estabelecendo nenhuma distinção entre sinais de pontuação de texto, por um lado, e de frase, por outro. De notar ainda a ausência de referências aos processos habituais de pontuar as palavras (maiúsculas e brancos): o gramático aponta como sinais de pontuação destas sobretudo aqueles que servem para obstar à existência de homófonas.

No século XVII, a obra que maior relevo assume no domínio que temos vindo a considerar é a *Ortografia da Lingua Portuguesa* (1671) de João Franco Barreto. Este ortografista, conhecendo e referenciando na sua obra as opiniões de Duarte Nunes de Leão sobre pontuação<sup>22</sup>, apresenta dela uma defenição mais alargada, ainda que, como os seus predecessores, parta das funções desempenhadas pelos diferentes pontos, deixando de parte os traços distintivos que configuram cada um deles e o sistema de pontuação em geral.

No capítulo LIV da *Ortografia*, Franco Barreto faz a seguinte observação: *Necessario he para a boa pronunciaçã, & darmos a entender o que dizemos, como també para tomar folego, esperito, & vigor, fazer é o processo da oraçã, ou pratica, assi fallando, como escrevendo, algumas pausas, as quoes é a escritura assinalamos cõ diferentes figuras, porque cada uma dellas tê tambem diferente officio: & he tâ importante, que por falta dellas, se ignora muytas vezes o verdadeyro sentido*<sup>23</sup>. Verifica-se, portanto, que a pontuação continua a ser tida principalmente como um suporte da dicção, não se valorizando a sua relação com o texto escrito.

Ainda neste capítulo, Franco Barreto inventaria os constituintes daquilo que, à semelhança de Duarte Nunes de Leão, ele considera ser a base do sistema

de pontuação, a saber: *a vírgula, coma, inciso ou meyo ponto (,) , o colon imperfeyto (:) , o colon perfeyto (:) e o periodo (.)*. Do aspecto material destes signos, o ortografista dá indicações pormenorizadas<sup>21</sup>; todavia, propondo-se distinguir entre o emprego de cada um deles, afirma que *a diferença entre estes finaes he agora a dificuldade*, embora os frequentes exemplos ilustrativos que apresenta indiquem as circunstâncias em que cada um se utiliza.

Nos dois capítulos subseqüentes, João Franco junta ao sistema de base já referido um subsistema composto pelos sinais de *interrogaçã (?) , admiraçã (!) , parentesis ( ) e paragrafo (> , T ou S)* e um outro subsistema englobando *a divisã (=) , o angulo (^) , o antigrafo (v) , o asterisco (\*) , os apices (.) , o byphen (-u-) , o antyphen ou hipidiastole ( ) , o obelisco ( ) e a braccia (u)*. As explicações dadas quanto ao emprego dos diversos constituintes destes subsistemas não diferem em muito das já avançadas por Nunes de Leão. De notar apenas que o autor restringe o uso do *angulo* ao texto manuscrito<sup>25</sup> e o do *hiphen* e do *antyphen* ao texto impresso<sup>26</sup>.

No século seguinte, o problema da pontuação mereceu referência a três dos mais conhecidos autores setecentistas: referimo-nos a João de Moraes Madureira Feijó, a Luís António Verney e a Jerónimo Soares Barbosa, ainda que a *Gramática Philosophica da Lingua Portuguesa*, deste último, tenha conhecido a primeira edição apenas em 1822.

Madureira Feijó, na *Ortographia, ou arte de escrever, e Pronunciar com acerto a Lingua Portuguesa* (1734), consagra pouco mais de três páginas à pontuação, surgindo o vocábulo pela primeira vez como título de um capítulo. Este autor, movido por um pragmatismo a que decerto não é alheia a mentalidade da época das Luzes, não apresenta nenhuma definição introdutória do termo e do conceito de pontuação, começando imediatamente por indicar os contextos em que cada sinal deve ser usado. Este carácter prescritivo do texto de Madureira Feijó adivinha-se, aliás, pela leitura do subtítulo do capítulo: *Quando, e como havemos de escrever vírgula, ponto e vírgula; dous pontos: pnto, e interrogação?, ponto, e admiração!, ponto final*.

Nem os sinais indicados como fazendo parte do sistema (vírgula, ponto e vírgula, dois pontos, ponto final, ponto de interrogação, ponto de exclamação, parágrafo, parentesis, ângulo, ápices, asterisco, braquia semicírculo, conjunção e desunião), nem os contextos em que devem ser usados constituem novidade relativamente àquelas outras vezes apontadas ao longo desta incursão diacrónica pelos gramáticos portugueses.

Pese embora o que se acaba de afirmar, há que salientar certos aspectos privativos da "teoria" de Madureira Feijó sobre pontuação. Assim, merecem comentário mais detalhado o ponto e vírgula, o ponto de interrogação e o parágrafo. O primeiro destes sinais surge perfeitamente integrado no sistema de pontuação, ainda que a sua regulamentação continue a ser entendida como algo

que levanta obstáculos<sup>27</sup> contornáveis através do recurso a critérios de natureza lógico-morfo-semântica<sup>28</sup>. No que concerne à interrogação, o autor não distingue, como actualmente fazemos, entre a pontuação característica da interrogativa directa e a da interrogativa indirecta, posto afirmar que *o final da interrogação, ou ponto interrogativo (...) se põem no fim de toda a pergunta*. Pelo contrário, restringe o uso do sinal de parágrafo (que ao tempo era marcado e não o actual branco seguido de maiúscula) aos livros de *direito, Filosofia, e Theologia*. Para terminar, é curioso apontar que novamente são dadas indicações que se prendem com a necessidade de reforçar certos sinais de pontuação maiusculando as palavras que se lhes seguem<sup>29</sup>.

Em meados do mesmo século em que Feijó escreveu, surge o *Verdadeiro Método de Estudar* (1747), de Luís António Verney<sup>30</sup>, obra que se viria a tornar indispensável a qualquer estudo sobre o século XVIII. O primeiro volume desta obra é consagrado aos *Estudos Linguísticos* e nele Verney discorre acerca da pontuação. Mostrando ter sido acometido de interesse pelos estudos históricos que também agora nos motivam, o iluminista estrangeirado valoriza a função lógico-prosódica da pontuação por contraste com as dificuldades que a ausência dela pode levantar, nomeadamente na exegese de textos antigos<sup>31</sup>. As observações que faz são tanto mais pertinentes quanto, há mais de dois séculos atrás, já Verney reconhecia a necessidade de um *grandíssimo estudo para distinguir os sentidos* desses mesmos textos.

Quanto ao inventário dos sinais de pontuação, estes aparecem agrupados em duas secções da *Carta I*: as *linhas* e os *apóstrofes* na secção consagrada aos *sinais auxiliares da ortografia* na qual se referem sobretudo complementos prosódicos às duas outras articulações da linguagem; *a vírgula, os parentesis, os dois pontos, o ponto, as maiúsculas, a admiração, a interrogação, o parágrafo e o ponto e vírgula* surgem na secção intitulada *Pontuação - Uso de Maiúsculas*. Neste última secção, Verney apresenta múltiplas regras justificativas do emprego de cada um dos sinais, documentando as suas afirmações com vários exemplos retirados *aos que melhor escrevem*. Todavia, os seus ensinamentos não têm carácter prescritivo, já que para o autor *esta matéria não é ponto matemático, que não admite mais ou menos; antes, pelo contrário, depende muito da vontade de quem escreve*, pelo que desde que respeite a regra de *evitar as confusões, e procurar que os outros entendam tudo quanto eu quero dizer*, o utilizador do código escrito pode manobrar o sistema da pontuação sem constrangimentos de maior.

Como atrás se disse, referir-se-á ainda integrada no século XVIII a obra de Jerónimo Soares Barbosa<sup>32</sup>, pois embora a sua primeira edição date de 1822, o gramático viveu e escreveu no Século das Luzes, o que fica bem documentado quer pelo título da obra, quer pela organização da mesma que, no tocante à pontuação, indica regras gerais e regras particulares.

Tendo uma visão sistemática do subcódigo da pontuação, mas, curiosamente, encarando-o como sendo constituído por elementos não discretos<sup>33</sup>, Jerónimo Soares Barbosa propõe uma definição do conceito em questão que, não excluindo o critério prosódico, tem sobretudo em conta o critério sintáctico. De acordo com o autor, *a Pontuação he a Arte de na escriptura distinguir com certas notas as diferentes partes, e membros da oração, e a subordinação de buns aos outros a fim de mostrar a quem lê as pausas menores e maiores, que deve fazer, e o tom e inflexão da voz, com que as deve pronunciar*<sup>34</sup>.

Ao enumerar os constituintes do subcódigo da pontuação, este gramático põe de parte as designações tradicionais de *cólon* e *coma*, substituindo-as pelas correspondentes ainda actualmente usadas – ponto e dois pontos. Na sua obra, deixamos de encontrar explicações relativas à fisicidade dos sinais apontados (excepção feita ao caso da *parenthese* e do *viraccento*), o que nos leva a concluir que nesta altura, quase três séculos após o surgimento da imprensa, a representação gráfica dos sinais de pontuação estaria finalmente definida. Uma outra novidade se encontra nesta *Grammatica Philosophica*: pela primeira vez, o autor das regras de pontuação remete o leitor para o próprio texto, instituindo-o assim como exemplo da aplicação prática dos preceitos que enuncia.

Autor sem dúvida inovador relativamente aos que foram objecto de referência nesta curta resenha, Soares Barbosa parece ter sido igualmente um precursor das noções de estrutura profunda e estrutura de superfície, considerando a pontuação como elemento capaz de desfazer as ambiguidades possíveis de encontrar nesta última. Referindo-se ao emprego da vírgula, por exemplo, o gramático afirma: *Da mesma sorte se a palavra “referiveis” não estivesse virgulada d’antes; não se saberia se pertencia e devia concordar com o substantivo “sentidos”, ou com o substantivo “palavras”: mas a virgula, posta antes della, tira toda a ambiguidade*<sup>35</sup>. Para concluir, diga-se ainda que Jerónimo Soares Barbosa incluiu os acentos (grave ( ` ), agudo ( ´ ) e circunflexo ( ^ )) no capítulo da pontuação, atribuindo-lhes a função de estabelecerem uma correspondência mais perfeita entre os grafemas da língua escrita e os diversos fonemas da língua oral<sup>36</sup>.

Pese embora, como se tem referido, a preocupação que desde os princípios do século XVI os gramáticos portugueses mostraram em dedicar algumas das suas reflexões sobre a língua aos problemas da pontuação, no século XIX, Alexandre Herculano<sup>37</sup> lamentava que *Uma das cousas, em que maiores incorrecções e incertezas apparecem, no commum dos escriptos é a pontuação (...) até, porque esta parte da orthographia é a que mais de leve teem tractado os escriptores da grammatica portugueza*<sup>38</sup>. Por isso ele, já não numa gramática cuja consulta se limita a um número reduzido de doutos, mas numa publicação

periódica disponível a um conjunto consideravelmente mais vasto de leitores, tece alguns esclarecimentos de natureza histórico-didáctica sobre o assunto.

Assim, o insigne literato do Romantismo português define a pontuação como *a arte de indicar na scriptura, por signaes ou notas, a proporção das pausas que devemos fazer, fallando ou escrevendo*<sup>39</sup>. Duas conclusões se extraem desta definição, não diferentes daquilo que antes outros estudiosos da língua haviam afirmado: a de que a pontuação é regida sobretudo por critérios prosódicos, e a de que ela serve para “transcrever” na língua escrita as informações fornecidas ao nível da terceira articulação e apenas plenamente perceptíveis através da língua oral. Esta correspondência entre as características particulares da terceira articulação e os sinais de pontuação, o próprio Herculano a reforça ao afirmar que *Assim como fallâmos para sermos entendidos, assim também escrevemos para transmittirmos aos ausentes os nossos pensamentos, de modo intelligível. Ora a palavra escripta é como a palavra pronunciada. Os signaes da pontuação na escriptura, e o descanço da voz no discurso correspondem-se mutuamente, e igualmente indicam a união, ou desunião das ideias: e, assim, tanto inconveniente haveria em suprimir, ou collocar erradamente na scriptura os signaes de pontuação, como em supprimir ou mal collocar no discurso o descanço da voz*<sup>40</sup>.

Feitas estas considerações gerais, o autor enumera os sinais de pontuação que ele considera serem os mais usuais da língua portuguesa<sup>41</sup>, indica os contextos em que eles são mais frequentemente empregues e exemplifica cada um desses contextos. Os critérios indicados para o emprego dos sinais são-nos já familiares: para a vírgula, o critério prosódico; para o ponto e vírgula, os critérios prosódico e sintáctico; para os pontos de interrogação e exclamação, o critério semântico.

Mesmo tendo apontado regras que permitem usar cada um destes sinais, Herculano acaba por afirmar que *Quanto às regras de pontuação, deduzidas dos principios ideologicos, e da grammatica geral, ainda se pode dizer que não estão assentados, residindo a dificuldade nas variadas maneiras porque as pbrases e as palavras podem ser collocadas; por isso, concluiu que o meio que apontámos, de regular a escriptura pelas pausas do discurso, seja o único popular*<sup>42</sup>.

Terminaremos esta resenha histórica referindo o que, nos nossos dias, certos autores de gramáticas afirmam sobre a pontuação. Tomámos como ponto de partida três gramáticas, sendo cada uma delas usada num diferente grau de ensino: *Nova Gramática Viva*; *Da Comunicação à Expressão e Nova Gramática do Português Contemporâneo*<sup>43</sup>.

Ainda que formalmente diferentes, a nível do conteúdo estas três gramáticas podem ser aproximadas: todas inventariam os mesmos sinais - vírgula, ponto, ponto e vírgula, dois pontos, ponto de interrogação, ponto de exclamação,

reticências, aspas, parêntesis e travessão<sup>14</sup> -; todas relacionam a pontuação com a prosódia, a sintaxe e as ideias ou sentido, conforme o ponto em questão; todas, enfim, lhe atribuem as funções de marcar as pausas, as inflexões de voz, o ritmo, a entoação e a melodia, ou de delimitar os membros da frase, ou, ainda, de esclarecer o sentido desta. Na verdade, cada uma das gramáticas analisadas, não obstante a sua qualidade didáctica, acaba por dizer para que serve a pontuação, sendo mesmo prolixa na apresentação de exemplos, mas não diz em que consiste efectivamente este fenómeno. Disso nos ocuparemos no próximo ponto do trabalho. Para que mais claramente se possa visualizar a evolução do sistema de pontuação e, sobretudo, os acréscimos e perdas de que ele foi sendo alvo, apresentamos, no anexo 1, um quadro dos sinais referidos pelos diferentes autores portugueses estudados.

### **b) Em torno de uma definição linguística do conceito**

Da resenha histórica que acabámos de elaborar no ponto anterior, ressalta o facto de os autores, quer acentuem as conexões com a prosódia, quer sublinhem as suas relações com a sintaxe, quer ainda insistam na ligação existente entre ela e as ideias e o sentido, acabarem por enunciar os constituintes do sistema e os seus usos, sem propriamente dizerem o que é a pontuação, ou seja, sem terem a preocupação de definir o fenómeno em termos linguísticos.

No entanto, investigadores do grupo HESO a trabalhar no CNRS, em França, avançam com algumas propostas de definição e explicação linguística do fenómeno da pontuação.

Assim, Nina Catach propõe duas definições para a pontuação, uma de sentido lato e extensivo, outra mais restrita. Segundo esta autora, a pontuação pode ser *Ensemble de techniques visuelles d'organisation et de présentation de l'objet-livre, qui vont du blanc des mots aux blancs des pages, en passant par tous procédés intérieurs et extérieurs au texte, permettant son arrangement et sa mise en valeur* ou então *Ensemble des signes visuels d'organisation et de présentation accompagnant le texte écrit, intérieurs au texte et communs au manuscrit et à l'imprimerie: la ponctuation comprend plusieurs classes de signes graphiques discrets et à formant système, complétant ou suppléant l'information alphabétique*<sup>15</sup>.

Como é possível deduzir da observação das considerações tecidas no ponto anterior deste trabalho, também os gramáticos portugueses, sobretudo Duarte Nunes de Leão, João Franco Barreto e Madureira Feijó, pareciam considerar a pontuação neste duplo aspecto. Porém, com o decorrer do tempo, o conceito de pontuação foi-se restringindo apenas à economia gráfica da frase. Por isso, e apesar de ser possível distinguir três níveis de pontuação (um nível micro: a pontuação de palavras; um nível meso: a pontuação de frase; e um nível macro: a pontuação de texto), deter-nos-emos, preferencialmente, na pontuação de nível

meso por ser a mais rica e a mais produtiva. Assim, escusar-nos-emos desde já a referenciar todos aqueles elementos característicos das *técnicas visuais de organização e apresentação do objecto-livro*, como sejam os brancos e as diferentes cores e tipos de caracteres, entre outros; tomaremos, então, como ponto de partida a definição de pontuação em sentido restrito proposta por Nina Catach.

A primeira evidência que ressalta da definição supra-referida é a de que a pontuação é um fenómeno da língua escrita e não da oral. Com efeito, sendo constituída por um conjunto de realidades gráficas, isto é, de signos visuais, a pontuação liga-se directamente ao código escrito, já que a principal diferença entre este e o código oral advém do facto de o primeiro permitir representar uma cadeia de elementos que progride no espaço, enquanto que o segundo representa uma outra cadeia cuja progressão se opera no tempo<sup>16</sup>. É, pois, abusivo, falar-se de pontuação do discurso oral.

No entanto, fruto talvez da indefinição dos linguistas no que concerne às relações entre a língua oral e a língua escrita<sup>17</sup>, e não menos da tradição secular que, como se viu, atribuía como principal função à pontuação a de dar indicações sobre a maneira como deveriam ser lidos articulatoriamente os textos, há uma certa tendência para manter o conceito num terreno ambíguo, pertença simultânea do código oral e do código escrito. A verdade é que, se bem que seja ponto assente que os sinais de pontuação são complementos não prescritivos do sistema ortográfico<sup>18</sup>, paradoxalmente eles permitem aproximar a língua oral da língua escrita. E isto por duas razões fundamentais: a primeira é a que decorre do facto de os sinais de pontuação poderem ser verbalizados e terem inclusivamente dado origem a expressões familiares do género *entre aspas*, *ponto final* e outras, que usamos com frequência na oralidade; a segunda, e talvez mais importante, é fruto da capacidade que a pontuação confere ao texto escrito para, alterando a ordem das palavras na frase, pôr em evidência determinados segmentos, obtendo assim efeitos comunicativos e pragmáticos que de outra forma ficariam neutralizados.

Apesar da ligação evidente da pontuação ao texto escrito, deve-se assentar contudo que ela tem uma natureza extra-alfabética, isto é, ideográfica, já que cada um dos sinais que constituem o subsistema da pontuação é directamente portador de sentido. Assim, e segundo a designação de Hjelmslev, a pontuação situa-se preferencialmente num plano plerémico, pois cada uma das suas unidades contém em si própria um significante e um significado, sendo a relação entre estes arbitrária. No entanto, estas unidades plerémicas, contrariamente aos grafemas, não podem ser nunca decompostas em unidades menores, nem combinar-se entre si por forma a originar ou reenviar para outros significantes mais elaborados<sup>19</sup>. Além disso, uma outra diferença entre os sinais de pontuação e

os grafemas é a que decorre do facto daqueles não serem lineares porque afectam não progressiva mas totalmente toda uma frase ou segmento de frase<sup>50</sup>.

Atendendo novamente à definição de Nina Catach que tomámos como base, verificamos que, ainda que extra-alfabéticos, os sinais de pontuação surgem como complemento fundamental da língua escrita, apresentando uma natureza discreta e formando sistema. Com efeito, como realça Claude Gruaz, *la ponctuation est, dans un message écrit, l'ensemble des signes qui n'ont pas de correspondant phonémique, ces signes, à l'inverse du suprasegmental (hauteur, intensité, durée, etc.), étant discrets*<sup>51</sup>, ou seja, verificando-se uma total ausência de gradação entre eles. Quanto ao carácter sistemático da pontuação, dele já tinham dado conta alguns gramáticos renascentistas.

Para além das características apontadas, surge como traço definatório dos constituintes do sistema de pontuação a recursividade, pois sendo o sistema extremamente pobre, só através dela se compreende que os seus elementos originem uma tão grande variedade de mensagens diferentes, o que determina, ao mesmo tempo, que estes sinais sejam particularmente polissémicos.

Ao tentarmos caracterizar linguisticamente os sinais de pontuação, não podemos deixar de o fazer aproximando estes sinais do signo linguístico. De facto, as semelhanças entre eles levaram Claude Tournier a propor que se passasse a considerar os sinais de pontuação como verdadeiros signos aos quais atribuiu a designação de *punctemas* ou *pontemas*. Os pontemas, tal como os signos linguísticos, são unidades bifaces constituídas por um significante (o *punctante*) e um significado (a *punctância*)<sup>52</sup>. Podemos assim, com vantagem, em estudos linguísticos sincrónicos sobre a pontuação, substituir a tradicional designação de "sinal" pelo termo cientificamente mais apropriado de "pontema", já que se trata de verdadeiros signos de natureza extra-alfabética.

Segundo Claude Tournier, cada um dos pontemas que integra o sistema de pontuação possui determinadas propriedades a partir das quais é possível estabelecer três classes de signos, a saber: pontemas associados *vs.* pontemas autónomos; pontemas pontuais *vs.* pontemas lineares; e, por último, pontemas que delimitam a frase *vs.* pontemas que delimitam as partes da frase. Os pontemas associados são aqueles cuja existência depende de outros signos gráficos como é o caso das maiúsculas; já os pontemas autónomos, como é o caso dos diferentes pontos, da vírgula, do travessão, das aspas, etc., não necessitam de suporte de espécie alguma. Por outro lado, os pontemas pontuais distinguem-se dos lineares porquanto os primeiros ocorrem num ponto preciso da cadeia de sinais gráficos, enquanto os segundos se manifestam sobre toda a extensão da frase que se deseja assinalar<sup>53</sup>. Por fim, os pontemas que delimitam a frase são, por um lado, a maiúscula e, por outro, os diferentes tipos de ponto (ponto final, ponto de interrogação e ponto de exclamação) ou as reticências; quanto aos pontemas que delimitam as partes da frase, distinguem-se os que demarcam os elementos

constitutivos da mesma (vírgula, ponto e vírgula e dois pontos) e os que permitem a inclusão de uma segunda frase numa outra já anteriormente existente (aspas, parêntesis, travessão, duplo travessão e dupla vírgula).

Independentemente da classe a que pertencem, a ocorrência dos pontemas no texto escrito é regida por três leis. Tournier apresenta como lei geral a da exclusão que determina que a maior parte dos pontemas se exclua mutuamente (assim, por exemplo, um ponto final exclui uma vírgula ou um ponto e vírgula ou mesmo qualquer outro tipo de ponto), fazendo acompanhar esta lei de mais duas: a da neutralização e a da absorção. A primeira consiste no facto de um mesmo punctante apenas ser realizado uma vez, ainda que se pretendam marcar no discurso diversas punctâncias; a segunda faz com os pontemas não possam aparecer uns ao lado dos outros, mesmo que comportem punctantes e punctâncias diferentes.

Depois de feito o levantamento das características dos pontemas, de indicadas as suas propriedades e de explicitadas as leis que regem a sua ocorrência na cadeia de signos gráficos, resta-nos, em conclusão, esboçar uma definição linguística do termo e do conceito de pontuação.

Assim, a pontuação é um sistema de signos extra-alfabéticos - os pontemas - portadores de duas faces - o punctante e a punctância - , sendo a relação entre elas totalmente arbitrária. Discretos e não lineares, estes signos, por integrarem um sistema bastante pobre, são polissémicos e recursivos, surgindo não como elementos auxiliares da escrita perfeitamente dispensáveis, mas antes como uma invenção do homem historicamente inscrita no tempo e que se tornou fundamental à comunicação que tem por base o código escrito.

## **2. Análise comparativa a nível da pontuação do *Auto da Índia* de Gil Vicente na reimpressão *fac-similada* da edição de 1562 e numa edição escolar**

Para proceder à análise comparativa que nos propusemos, elaborámos quadros divididos em quatro colunas: na coluna da esquerda indicámos a pontuação surgida na edição *fac-similada*; na coluna do meio apresentámos aqueles sinais que foram conservados, suprimidos ou substituídos; na coluna da direita, demos informação sobre a pontuação acrescentada pela edição do manual escolar; à primeira coluna antepusemos ainda uma outra na qual indicámos as linhas e os versos correspondentes à edição de 1562 em que surgem os sinais de pontuação referidos.

O resultado deste trabalho poder-se-á resumir na análise do quadro que surge como anexo II, da qual decorrem várias considerações, algumas prendendo-se com elementos periféricos ao texto, outras atinentes ao próprio corpo textual do auto vicentino.

Em relação aos elementos periféricos ao texto, há que salientar os processos usados para indicar as partes respeitantes às intervenções das diferentes personagens. Assim, na edição *fac-similada* de 1562 o recurso mais frequente é o ponto final que aparece 165 vezes, 57 das quais marcando abreviaturas<sup>54</sup>; além deste recurso, surgem também duas vezes os dois pontos, sem que tenhamos descortinado razão para tal modificação. Quanto à edição do manual escolar de 1990, para desempenhar as mesmas funções, são usados 102 vezes o ponto final marcando abreviaturas combinado com um branco, e 79 vezes (tantas quantas a indicação da personagem a quem pertence a fala não está abreviada) apenas o branco. Há aqui uma alteração motivada, a nosso ver, por razões que se prendem com uma maior legibilidade do texto e mais evidente diferenciação dos trechos pertencentes a cada personagem, o que se compreende se considerarmos que o auto se destina hoje em dia quase exclusivamente à leitura visual e apenas é encenado de forma esporádica.

No que concerne ao corpo textual do auto vicentino, a primeira conclusão que se tira é a de que a edição do manual escolar do *Auto da Índia* apresenta um número e uma diversidade de sinais de pontuação muito superior aos contidos na edição *fac-similada*.

É no emprego do ponto final que parece haver maior concordância de critérios entre as duas edições e no emprego da vírgula que se descobrem maiores disparidades, já que dos 185 pontos finais na edição de 1562, 130 foram conservados e nenhum suprimido, enquanto das 46 vírgulas da mesma edição apenas 15 se mantiveram, tendo sido suprimidas 6.

Convém igualmente chamar a atenção para que a escassa diversidade de pontuação da edição *fac-similada* se coaduna com os conhecimentos gramaticais que sobre o assunto se tinha na altura em que a referida edição foi elaborada. Com efeito, além dos sinais usados nesta edição do *Auto da Índia*, um autor como João de Barros apenas menciona os parêntesis, sinal cujo emprego também não foi considerado pertinente na edição do manual escolar. Um outro sinal que surge na edição de 1562 e que está omissa na de 1990 é o caldeirão (sinal, aliás, reabilitado pela linguagem informática para assinalar o parágrafo), do qual detectámos 62 ocorrências. Este era um sinal do livro impresso, usado pelos tipógrafos para marcar os parágrafos, e que não é referenciado em nenhum dos capítulos dedicados à pontuação das gramáticas renascentistas ou classicistas que tivemos oportunidade de estudar.

As restantes alterações introduzidas pela edição do manual escolar na pontuação do texto contido na edição *fac-similada* carecem de comentários mais pormenorizados. Por uma questão de facilidade metodológica fã-los-emos agrupando sob a mesma explicação todos aqueles versos cujas alterações se assemelham. Assim:

D) Vírgulas substituídas :

- 1) Por ponto e vírgula :
  - a) Documentando uma diferente concepção da duração da pausa a efectuar :
    - Linha : 4
    - Versos : 80, 306, 455, 499.
  - 2) Por dois pontos :
3. Introduzindo uma oração explicativa :
  - Verso : 39.
- 3) Por ponto final :
  - a) Indicando uma pausa lógica, coincidente com a conclusão de uma ideia semanticamente expressa ou da fala de uma personagem :
    - Versos : 5, 42, 61, 165, 262, 391, 409.
  - 4) Por ponto de interrogação :
3. Assinalando uma oração interrogativa directa :
  - Versos : 1, 70, 89, 94, 302, 315, 364.
4. Demonstrando uma opção decorrente do estilo pessoal do editor :
  - Verso : 99.
- 5) Por ponto de exclamação :
  - a) Respondendo a imperativos comunicativos através da aproximação da sintaxe da frase às intenções enunciativas. Trata-se de uma pontuação expressiva :
    - Versos : 1, 55, 410.
4. Demonstrando uma opção decorrente do estilo pessoal do editor :
  - Versos : 10, 11.

II) Vírgulas suprimidas :

- 1) Por se encontrarem numa enumeração antecedendo a conjunção copulativa « e » :
  - Versos : 67, 378.
- 2) Injustificadamente :
  - Verso : 107, pois separava um complemento determinativo do aposto que o caracteriza ;
    - Verso 277, já que substituíra uma conjunção causal, distinguindo duas orações de uma mesma frase.

III) Pontos finais substituídos :

- 1) Por vírgula :
  - a) Documentando uma diferente concepção de duração da pausa a efectuar :
    - Linha : 6
    - Versos : 31, 104, 501.

- b) Injustificadamente :
  - Verso : 77, porque transforma uma pausa conclusa numa outra inconclusa, anexando dois trechos semanticamente diferenciáveis.
- 2) Por ponto e vírgula :
  - a) Documentando uma diferente concepção da duração da pausa a efectuar :
    - Versos : 241, 331, 368, 389, 411.
- 3) Por reticências :
  - a) Sugerindo o corte da frase pela interferência da fala de outra personagem :
    - Verso 334.
- 4) Por ponto de interrogação :
  - a) Assinalando uma oração interrogativa directa :
    - Versos : 4, 9, 57, 69, 82, 97, 101, 117, 137, 163, 186, 226, 227, 231, 281, 283, 300, 304, 312, 335, 336, 353, 440, 454, 496, 523.
- 5) Por ponto de exclamação :
  - a) Respondendo a imperativos comunicacionais, através da aproximação da sintaxe da frase às intenções enunciativas. Trata-se de uma pontuação expressiva :
    - Versos : 54, 64, 155, 225, 265, 360, 364, 427, 443, 524.
- 6) Por dois pontos :
  - a) Documentando o gosto pessoal do editor :
    - Verso : 461.
- IV) Dois pontos substituídos :
  - 1) Por ponto final :
    - a) Indicando uma pausa lógica, coincidindo com o término da fala de uma personagem :
      - Versos : 63, 130.
- V) Pontuação acrescentada :
  - 1) Pontos de interrogação :
    - a) Assinalando uma oração interrogativa directa :
      - Versos : 2, 12, 21, 53, 59, 166, 182, 195, 213, 264, 270, 289, 294, 313, 423, 435, 467, 511, 520.
  - 2) Pontos de Exclamação :
    - a) Respondendo a imperativos comunicativos que aproximam a sintaxe da frase das intenções enunciativas. Trata-se de pontuação expressiva :
      - Versos : 3, 52, 68, 74, 159, 161, 196, 204, 230, 268, 362, 388, 394, 428, 431, 446.
  - 3) Vírgulas :
    - a) Introduzindo um vocativo ou uma interjeição :

## A PONTUAÇÃO EM DUAS EDIÇÕES DO *AUTO DA ÍNDIA*

- Versos : 5, 9, 14, 20, 27, 32, 46, 59, 64, 71, 79, 83, 95, 108, 138, 154, 156, 200, 229, 248, 253, 256, 260, 292, 295, 305, 310, 320, 321, 323, 324, 329, 330, 338, 340, 356, 401, 405, 417, 419, 423, 435, 498, 522.

b) Separando orações de uma mesma frase :

- Condicionais : versos 20, 139, 162, 242, 284, 385, 405, 512.

- Concessivas : versos 145, 247, 296, 297.

- Disjuntivas : versos 50.

- Temporais : versos 92, 223, 341, 342, 344, 348, 442.

- Consecutivas : versos 236, 326, 404, 451, 474, 508.

- Finais : versos 29, 151, 152, 408.

- Relativas : versos 75, 156, 172, 299, 398, 453.

- Causais : versos 102, 148, 197, 207, 254, 273, 308, 490.

- Integrantes : versos 347, 365.

c) Indicando uma enumeração/reiteração de elementos :

- Versos : 41, 106, 110, 111, 112, 115, 119, 120, 124, 125, 134, 135, 136, 143, 164, 180, 185, 188, 189, 205, 303, 325, 337, 361, 418, 426, 432, 436, 437, 450, 481, 506, 507.

d) Marcando uma pausa inconclusa :

- Versos : 43, 168, 235, 252, 311, 333, 480.

e) Isolando orações intercalares :

- Gerundivas : linhas 2, 3.

- Comparativas : verso 71.

- Adjectivas : versos 233, 234.

f) Substituindo uma conjunção ou locução conjuntiva elíptica :

- Versos : 160, 259, 380.

g) Respondendo a imperativos pragmáticos que, permitindo alterar a ordem das palavras na frase, a aproximam do texto oral :

- Verso 283.

h) Ligando orações assindéticas de uma mesma frase :

- Versos : 289, 316, 317, 351, 358, 363, 393, 444, 445, 447, 476, 477, 493, 502, 504, 509.

i) Injustificadamente :

- Verso 385, pois separava o pronome relativo do seu antecedente.

4) Pontos finais :

a) Documentando uma pausa lógica que coincide com a conclusão de uma ideia semanticamente expressa ou da fala de uma personagem :

- Versos : 44, 87, 91, 105, 116, 131, 132, 138, 158, 185, 208, 209, 212, 282, 288, 291, 295, 320, 357, 359, 370, 376, 400, 471, 425, 455, 483, 486, 491.

- b) Injustificadamente :
  - Verso 33, pois transforma em dois períodos uma oração consecutiva omissa da partícula « tantos » ;
  - Versos 83, 84, 85, já que marcam pausas entre orações que constituem um único núcleo semântico, transformando uma frase de sentido completo em três frases autónomas e ambíguas ;
  - Verso 222, pois separa uma oração integrante da subordinada a que esta se liga ;
  - Verso 258, porque introduz uma oração explicativa ;
  - Verso 268, uma vez que separa um complemento determinativo do sintagma determinado.
- 5) Dois pontos :
  - a) Introduzindo uma oração explicativa :
    - Versos : 60, 192, 394, 473, 498.
  - b) Documentando o estilo pessoal do editor :
    - Versos : 81, 93, 153, 169, 198, 284, 301, 307, 427, 488.
- 6) Reticências :
  - a) Assinalando uma inflexão de natureza emocional (sarcasmo) :
    - Verso : 73
  - b) Indicando que a ideia expressa não se completa com o término gramatical da frase, mas permanece suspensa e subentendida :
    - Versos : 243, 343.
- 7) Travessão :
  - a) Marcando uma mudança radical na temática do diálogo de uma mesma personagem :
    - Versos : 99, 291, 425, 467.
- 8) Ponto e vírgula :
  - a) Assinalando uma pausa mais acentuada, por vezes numa enumeração :
    - Versos : 107, 174, 215, 301, 412, 464, 499.
  - b) Documentando o estilo pessoal do editor :
    - Versos : 114, 179, 183, 339, 414, 446.

### 3. Considerações finais

Independentemente de ser inegável que a pontuação do *Auto da Índia*, tal como aparece na edição do manual escolar, está, regra geral, em maior conformidade com os critérios que hoje temos em conta ao pontuar um texto, a verdade é que os sinais de pontuação não surgem de forma nem arbitrária nem indiferente. Na realidade, todos eles desempenham uma determinada função e, por isso, a sua modificação implica uma nova atribuição de sentido à mensagem escrita, alterando consequentemente a relação autor/texto/leitor.

Acresce ao exposto que estudos que têm vindo a ser levados a cabo por grupos de especialistas levam-nos a afirmar que *on c'est aperçu ainsi que chaque écrivain avait sa ponctuation, où l'on pouvait retrouver sa respiration, son style, son être même*<sup>55</sup>. A crermos na veracidade desta afirmação, não pode deixar de nos causar surpresa que os textos de autores medievais e renascentistas sejam alvo de transformações tão radicais em matéria de pontuação como as detectadas na análise comparativa que acabámos de realizar. Por isso se torna necessário prestar ao estudo da pontuação a mesma atenção que é dada a outros aspectos da escrita, sobretudo relativamente a obras antigas, das quais seria útil que existissem edições críticas que não descurassem nenhuma das componentes do processo global da produção do texto impresso.

Estamos certas de que o fenómeno da pontuação se presta a múltiplas abordagens decorrentes dos diversos tipos de processos psico-cognitivos que se conectam com a sua utilização/ decodificação. Pretendemos, assim, com este trabalho, através do levantamento daquilo que numa perspectiva diacrónica se pensou acerca da pontuação desde fins da Idade Média até aos nossos dias e, ainda, através de uma reflexão teórica sobre o fenómeno que não deixou de lado as investigações mais recentemente levadas a cabo sobre o assunto, prestar o nosso contributo para que o estudo da pontuação não seja descurado, mas antes tido como um aspecto fundamental para a exegese e conhecimento da obra de um qualquer autor e, de forma particular, de autores antigos.

Anexo I

Autores	SINAIS DE PONTUAÇÃO REFERENCIADOS																										
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	
Teófilo F. Ruiz	+	+	+	+	+																						
Junio de Barros (1511)	+					+	+	+	+																		
Pere de Alcantara (1571)	+	+				+	+	+	+	+																	
Duarte Nunes de Fátima (1595)	+					+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+
Vasco Francisco Barros (1671)	+					+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+
Martinho Lopes (1751)	+	+				+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+
Luís António Verney (1771)	+	+				+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+
Jerónimo Soares Barbosa (1822)	+					+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+
Alcides Heróclides (1840)	+					+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+
Século XX	+					+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+

## Anexo II

Edição <i>fac-similada</i> de 1562	Edição do manual escolar		
	Conservados	Surgidos por substituição	Acrescentados
Pontos finais: 185	130	10	47
Vírgulas: 46	15	6	170
Pontos de interrogação: 17	17	39	20
Dois pontos: 2	-	3	16
		Pontos de exclam.: 14	18
		Ponto e vírgula: 9	14
		Reticências: 1	3
			Travessão: 1
			Aspas: 1
<b>TOTAL</b>	<b>TOTAL</b>		
250	537		

## Notas

- 1 Cf. Gil Vicente, *Obras Completas*, reimpressão *fac-similada* da edição de 1562. Biblioteca Nacional, Lisboa, 1928.
- 2 Cf. Baptista, Vera Saraiva e Pinto, Elisa Costa, *Sinais*. Asa, Lisboa, 1990.
- 3 Cf. Catach, Nina, *Traverses* 43, Centre Georges Pompidou, Paris, 1988 in Costa, Maria Rosa, *A Pontuação*, Porto Ed., Porto, 1991.
- 4 Cf. Catach, Nina, *Revue Mensuelle d'Histoire*, n.º21, Mars, 1980, p.66.
- 5 Cf. Martins, Ana Maria, «Aspectos da pontuação num manuscrito medieval português», 1986.
- 6 Cf. Fernão de Oliveira, *A Gramática da Língua Portuguesa*. Introdução, leitura e notas de Maria Leonor Carvalhão Buesco, INCM, Lisboa, 1975.
- 7 Cf. João de Barros, *Gramática da Língua Portuguesa. Cartinha. Diálogo em Louvor da Nossa Língua*. Introdução e anotações de Maria Leonor Carvalhão Buesco, INCM, Lisboa, 1971.
- 8 É a esta última função que o autor parece dar maior relevo, uma vez que aponta dois exemplos de ambiguidades surgidas em resultado de diferentes pontuações. Cf. *op.cit.*, pp. 388-389.
- 9 Cf. Pêro de Magalhães Gândavo, *Regras que ensinam a maneira de escrever e a ortografia da língua portuguesa*, edição *fac-similada* da edição de 1574, Introdução, de

Maria Leonor Carvalhão Buesco, Biblioteca Nacional, Lisboa, 1981. As citações feitas respeitam a paginação correspondente a esta última edição.

10 Esta preocupação fica, aliás, patente de forma clara através do emprego do futuro composto com valor imperativo nos títulos dos capítulos dedicados à pontuação.

11 Magalhães Gândavo afirma : *pera que o lector saiba melhor pausar e entender o sentido da sentença. ou clausula, conuem a saber, averá virgula, dous pontos : hum ponto.* Cf. op.cit., p.17.

12 Id. Ibid., p.18 : *porque hum ponto só tem mais força que dous, e os dous mais que a virgula.*

13 Id. Ibid., pp.17-18 : *Em principio de regra quando se começar a escrever algũa cousa, sempre se usará de hũa letra das maiúsculas (...) E assi todos os nomes próprios, & sobrenomes de homens, ou de molheres, & nomes de cidades, de villas, nações, & rios, & nomes exquisitos de animaes, ou bichos feroces, & os doze meses do anno, tambem se escreverão com letra maiúscula.* Ao atribuímos funções de complemento semântico às maiúsculas estamos a interpretar o texto de Gândavo à luz das teorias expostas por Ludmila Védénina in « La trille fonction de la ponctuation dans la phrase » in *Larousse*, n°45, Fevereiro-1980.

14 Id. Ibid., p.19 : *A isto chamão os Latinos Parêntesis, o qual ainda que se não lea, nem por isso o proposito & Sentido da pratica desalado...»*

15 Id. Ibid., p.19 : *Quando se offerecer em algũa parte da escriptura dizer algũa cousa fóra da sentença, que muitas vezes se não escusa pera ornamento, & declaração do que se escreve, pôr seha entre dous meynos circulos (desta maneira).*

16 Id. Ibid., p. 20.

17 Id. Ibid., p.21.

18 Referimo-nos à *Origem e Orthographia da Língua Portuguesa*, cuja primeira edição data de 1595. Neste trabalho seguimos a edição de 1864, *correcta, e emendada, conforme a de 1784*, pelo que a paginação que referirmos se reportará à dita edição do século XIX.

19 Cf. op.cit., p. 212 : *Porque como a scriptura he hũa representação do que fallamos, para se tirar a confusão, do que queremos dar a entender, & para saber onde começamos & acabamos as clausulas, usamos de pontos, como de hũas balisas & marcos, que dividão as sentenças, & os membros de cada clausula.*

20 Id. Ibid., p. 214 : *O comma se põe sempre em sentença suspensa, & não acabada (...). Também se põe quando na pratica que fazemos, referimos palavras d'outrem (...).*

21 Id. Ibid., p. 215.

22 João Franco Barreto faz duas referências a obra de Duarte Nunes de Leão : uma vez concordando com ele (p. 217), outra discordando (p. 222).

23 Cf. op.cit., p. 215.

24 Id. Ibid., p. 216 : *A virgula, que tambem se chama coma, inciso, & meyo ponto, he uma varinha, ou risquinha torta nesta forma, Colon he de dous módos, imperfeyto,*

*& perfeyto ; o imperfeyto he ù ponto, redondo, encima de ùa virgula, assi : colon perfeyto são dous pontos, ù encima do outro, como : Periodo he ù ponto redondo.*

25 Id. Ibid., p.222 : *Angulo he ù final, ou meta, que os escribas de mã usam, para denotar alguma palavra, que vão por entre ltnba.*

26 Id. Ibid., p. 223 : *& uma, & outro he commũ aos correctores das impressões.*

27 Id. Ibid., p. 125 : *He difficultoso assignar regra certa, para usarmos de ponto, e vírgulas ; porque ainda se entende o preceito, não se explica bem a sua intelligencia(...).*

28 Id. Ibid., p. 126 : *(...) todas as vezes, que algum dicto, ou sentença não fechar o sentido, mas continuar por diante com estas particulas Mas, Porem, Porque, Aindaque, Postoque, e outras simillhantes ; poremos sempre ponto, e vírgula no fim da oração. (...) Tambem se usa de ponto, e vírgula entre verbos de significação contraria, quando se ajuntao.*

29 Id. Ibid., pp. 126, 127 e 130.

30 Cf. Luís António Verney, *Verdadeiro Método de Estudar*. Edição organizada pelo prof. António Salgado Júnior, vol. I- Estudos Linguísticos, Sá da Costa, Lisboa, 1949.

31 Cf. op.cit., p.87 : *Não ignora V. P. que as vírgulas, pontos e dois pontos foram inventados para distinguir melhor o discurso. Este é um dos defeitos da antiga escritura, que tinha poucos sinais destes, e por isso é às vezes bem embrulhada. (...) Os Modernos mais advertidos inventaram estes diversos sinais, para não nos enganarmos nas pausas e no sentido do discurso. (...) e eu vi livros impressos nos primeiros tempos, quero dizer, nos finais do século XV e princípios do XVI, nos quais não havia mais vírgulas, e todas da mesma figura, o que aumentava sensivelmente o embaraço.*

32 Cf. Jerónimo Soares Barbosa. *Grammatica Philosophica da Lingua Portuguesa, ou Principios de Grammatica Geral Applicados à Nossa Linguagem*. Typographia da Academia das Sciencias, Lisboa, 1822.

33 Cf. op.cit., p. 91 : *A Regra IV. Geral (...) manda que a pontuação seja gradual, e que se não passe de hum inferior a outra superior, saltando a do meio.*

34 Id. Ibid., p. 85.

35 Id. Ibid., p. 90.

36 Id. Ibid., p. 96 : *Pois nos servimos do accento agudo e circumflexo, não só para notar a prosodia das syllabas, mas tambem differentes especies de vogaes com a mesma letra differentemente accentuada, visto não termos as vozes da nossa pronunciação.*

37 Cf. « O Panorama, Jornal Litterario e Instructivo da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Úteis », Lisboa, 1938, 14 e 28 de Julho, artigos de Alexandre Herculano, pp.219-220 e 234-236.

38 Id., Ibid., p.219.

39 Id., Ibid., p.219.

40 Id., Ibid., p.220.

- 41 Id., *Ibid.*, p.234 : « Os caracteres usuacs da pontuação vem a ser : a vírgula, o ponto e vírgula, dois pontos e ponto » e p.235 : « Há tres generos de pontos : ponto simples, ponto interrogativo. E o ponto admirativo ou exclamativo ».
- 42 Id., *Ibid.*, p.220.
- 43 Cf. : Gomes, Álvaro. *Nova Gramática Viva*, 5º e 6º anos de escolaridade, Asa, 1ªed., 1991, pp.66-69 ; Azeredo, Mª Olga et alii, *Da Comunicação à Expressão*, 7º, 8º e 9ºanos, Asa, 8ªed., 1989, pp.51-59 ; e Cunha, C. e Cintra, Lindley, *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, Ed. Sá da Costa, 3ª ed., Lisboa, 1986, pp. 639-664.
- 44 Cunha e Cintra (1986) referem ainda os « colchetes » e , em nota, o « hífen », as « maiúsculas » e os diversos tipos e cores dos « caracteres de imprensa ».
- 45 Cf. Catach, Nina, «La Ponctuation» *in Langue Française*, n°45, Larousse, Paris, 1980, cap.I, p.21.
- 46 Cf. *op.cit.*, p. 18.
- 47 Cf. Laufer, Roger, « Du ponctuel au scriptural (signes d'énoncé et marques d'énonciation) » *in Langue Française* n° 45, Larousse, Paris, cap.II, p. 80.
- 48 Cf. *op.cit.*, p. 78 : *Alors que notre orthographe est prescriptive, notre ponctuation est libérale et persuasive.*
- 49 A veracidade desta afirmação não invalida que os sinais de pontuação se rejam pelos princípios dos eixos sintagmático e paradigmático, ainda que (...) *leur syntagmatique ne se presente pas comme un système de combinaisons entre ces signes.* id. *Ibid.*, p. 69.
- 50 É esta não linearidade dos sinais de pontuação que leva Nina Catach a chamar a atenção para que (...) *la plupart du temps l'effet des signes, contrairement à ce que pourrait laisser croire leur dénomination, n'este pas « ponctuel », mais continu.* *op.cit.*, p.17.
- 51 Cf. Gruaz, Claude, « Recherches Historiques et Actuelles sur la Ponctuation » *in Langue française* n°45, Larousse, Paris, 1980, p.15.
- 52 Cf. Tournier, Claude, « Histoire des idées sur la ponctuation - des débuts de l'imprimerie à nos jours » *in Langue Française*, n°45, Larousse, Paris, 1980, p.36.
- 53 Estão neste caso os sublinhados e os diversos tipos de caracteres distintivos, característicos da pontuação não de frase, mas de texto e sobre os quais decidimos não nos deter.
- 54 A propósito desta dupla função do ponto final (enquanto indicador de pausa e marca de abreviatura) Cf. Moreau-Marechal, J., *Scriptorium - Revue Internationale d'Études Relatives aux Manuscrits - tome XXII*, Paris, 1968, p.57 : *Il est bien évident que le point pausal et le point d'abréviation traduisent des phénomènes tout à fait différents et que c'est l'identité de forme, perceptible à la lecture seulement, qui permet de les grouper dans la même définiton.*
- 55 Cf. Catach, Nina, « Présentation » *in Langue Française*, n°45, Larousse, Paris, p.4.

## Bibliografia

A)

BAPTISTA, Vera Saraiva, e PINTO, Elisa Costa (1990), *Sinais. 10º ano, áreas ABC e E*, Asa, Lisboa.

GIL VICENTE, *Obras Completas*, reimpressão *fac-similada* da edição de 1562, Biblioteca Nacional, Lisboa, 1928.

B)

AZEREDO, Maria Olga et alii (1989), *Da Comunicação à Expressão*, Asa, Lisboa.

BARBOSA, Jerónimo Soares (1822), *Grammatica philosophica da lingua portugueza. ou principios da grammatica geral applicados à nossa linguagem*, Typographia da Academia das Sciencias, Lisboa.

BARBOSA, Jorge Morais (1957), « *Notas acerca da pontuação* » in *Revista de Portugal*, série A, Língua Portuguesa.

BARRETO, João Franco (1671), *Ortografia da Língua Portuguesa*, Lisboa.

BARROS, João de, *Gramática da Língua Portuguesa. Cartinha, Gramática, Diálogo em Louvor de Nossa Linguagem e Diálogo da Viciosa Vergonha*. Reprodução *fac-similada*, leitura, introdução e anotações por Mª Leonor Carvalhão Buesco, INCM, Lisboa, 1971.

CATACH, Nina (1980), *Langue Française*, n.º45, Larousse, Paris.

Idem (1968), *L'Ortographe française à l'époque de la Renaissance (Auteurs-Imprimeurs-Ateliers d'imprimerie)*, Librairie Droz, Genève.

COSTA, Mª Rosa (1991), *A Pontuação*, Porto Editora, Porto.

GUNHA, Celso e CINTRA, Lindley (1986), *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, Sá da Costa, Lisboa.

FEIJÓ, João de Moraes Madureira (1734), *Orthographia, ou Arte de Escrever, e pronunciar com acerto, A Língua Portuguesa*, Lisboa.

FERREIRA, José de Azevedo (1986), « *La ponctuation dans la version portugaise du Fuero Real d'Alphonse X* » in *XVIII CILFR*, vol. 9.

Idem (1989), *Bibliografia Selectiva da Língua Portuguesa*, ICALP, Lisboa.

GOMES, Álvaro (1991), *Nova Gramática Viva*, Asa, Lisboa.

GÂNDAVO, Pêro de Magalhães, *Regras que ensinam a maneira de escrever e a ortografia da Língua portuguesa*, edição *fac-similada* da 1ª edição, Introdução de Maria Leonor Carvalhão Buesco, Biblioteca Nacional, Lisboa, 1981.

GRUAZ, C. (1980), « *La ponctuation c'est l'homme...Emploi des signes de ponctuation dans cinq romans contemporains* » in *Langue Française* n.º45, Larousse, Paris.

- Idem (1980), « *Recherches historiques et actuelles sur la ponctuation* » in *Langue Française n°45*, Larousse, Paris.
- LAUFER, R. (1980), « *Du Ponctuel au Scriptural (signes d'énoncé et marques d'énonciation)* » in *Langue Française n°45*, Larousse, Paris.
- LEÃO, Duarte Nunes de, *Origem, e Orthographia da Língua Portuguesa*, Typographia do Panorama, Lisboa, 1864.
- MARTINS, Ana Maria (1986), « *Aspectos da pontuação num manuscrito medieval português* » in *XVIII CILFR*, vol.9.
- NOGUEIRA, Rodrigo de Sá (1974), *Guia Alfabético de Pontuação*, Livraria Clássica Ed., Lisboa.
- OLIVEIRA, Fernão de, *A Gramática da Língua Portuguesa*. Introdução, leitura e notas de Maria Leonor Carvalhão Buesco, INCM, Lisboa, 1975.
- OLÍVIA, Madre (1959), « *Aspectos Linguísticos da pontuação* » in *Revista de Portugal, Série A, Língua Portuguesa*.
- PERROT, J. (1980), « *ponctuation et fonctions linguistiques* » in *Langue Française n° 45*, Larousse, Paris.
- TOURNIER, C. (1980), « *Histoire des idées sur la ponctuation, des débuts de l'imprimerie à nos jours* » in *Langue Française n° 45*, Larousse, Paris.
- VÉDÉNINA, L. G. (1980), « *La triple fonction de la ponctuation dans la phrase : syntaxique, communicativa et sémantique* » in *Langue Française n° 45*, Larousse, Paris.
- VERNEY, Luís António, *Verdadeiro Método de Estudar*. Edição organizada pelo prof. António Salgado Júnior, vol I - Estudos Linguísticos, Sá da Costa, Lisboa, 1949.